

---

*Poeti contemporanei dell'isola di Madera*. Organização e tradução de Giampaolo Tonini. Veneza: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 2001, 218 pp.

---

O universo lusófono guarda riquezas insuspeitadas. É o que mostra o livro *Poeti contemporanei dell'isola di Madera*, organizado por Giampaolo Tonini, professor titular de Tradução – Língua Portuguesa na Escola Superior de Línguas Modernas para Tradutores e Intérpretes da Universidade de Trieste e professor de História da Língua Portuguesa na Universidade de Pádua. O livro é o número 3 da coleção “Quaderni internazionali di poesia” (vale a pena conhecer os dois primeiros: *Poeti brasiliani contemporanei* e *Poeti portoghesi contemporanei*, organizados respectivamente por Sílvio Castro e Manuel G. Simões, ambos com traduções de Giampaolo Tonini). Iniciativa inestimável, a publicação de uma coleção como essa vai retirando do ostracismo e revelando para o leitor italiano a poesia contemporânea de língua portuguesa, língua essa que, no caso da Itália, é ainda pouco cultivada, com exceção logicamente do circuito

restrito dos especialistas e de algumas universidades.

Neste último livro, Giampaolo Tonini teve o cuidado de reunir poetas de várias gerações e que representassem bem o esforço cultural empreendido na Ilha da Madeira já há algumas décadas (destaque-se, por exemplo, o longevo Movimento “Ilha”, coordenado pelo poeta José António Gonçalves) de dar maior visibilidade ao que já se fez e se tem feito em termos de poesia, sem restrições de cronologia ou de escolas e influências literárias. Assim, a antologia apresenta mais de uma centena de poemas selecionados e traduzidos para o italiano pelo próprio Tonini entre a obra de dezesseis poetas,<sup>1</sup> nascidos ou radicados na Madeira, poetas estes, é preciso dizer, salvo engano ou exceção, praticamente desconhecidos também no Brasil. Agora o leitor italiano pode ter uma amostra excelente de uma produção poética rica e variada, que, conforme diz Tonini na introdução à antologia, em muitos casos, tem algo de novo a dizer no contexto mais abrangente da poesia de língua portuguesa.

Segundo Tonini, a Ilha da Madeira tem uma tradição literária longa e significativa, ainda que

tenha tido de viver desde sempre e ainda viva os reflexos do seu isolamento geográfico inevitável, e, dada a qualidade de sua produção poética, do seu pouco merecido isolamento cultural. É assim que, de uma maneira ou de outra, este isolamento sentido ou rejeitado vai marcar profundamente a vida cultural da Ilha, ora amesquinhada, ora funcionando como elemento catalisador e aglutinador de forças e vontades de superação.

Não se imagine, contudo, que a antologia seja monotemática e trate tão-somente do sentimento de isolamento do ilhéu, que enfim já seria o bastante como assunto de poesia. É que talvez a condição do ilhéu só faça acentuar ou dar mais consciência à angústia do isolamento do indivíduo e do desejo de romper com o que o isola e aprisiona, muito presente, aliás, em muita da literatura e da poesia do século XX. O que é apenas uma condição puramente particular ou individual pode se tornar também assunto de interesse amplo e universal. Tudo vai depender do tratamento que lhe é dado. E, realmente, muitos poemas da antologia vão tratar do dilema da solidão de ter nascido e viver-se numa ilha, mas esse é só um dos

temas, certamente relevante, que vamos encontrar ali.

Na verdade, encontra-se um pouco de tudo, não só no que concerne aos temas, mas também às formas métricas, desde o poema abertamente confessional ao poema metalingüístico, desde o soneto a formas mais livres ou experimentais. E tudo traduzido com sensibilidade e respeito ao universo de cada autor, de acordo com o que o próprio Giampaolo Tonini afirma como princípio básico do seu trabalho, nas suas “Notas do tradutor” colocadas no início do livro. E nos parece que o tenha cumprido de modo completo e eficaz. Se, como quer Tonini, a tradução deve servir de ponte entre o texto original e o seu novo leitor na língua estrangeira, o leitor italiano pode se sentir seguro na sua experiência de aproximação a um universo poético desconhecido.

A grande vantagem de ter em mãos uma antologia bilíngüe como esta é que é possível apreciar duas experiências, a do poeta na sua língua e a do tradutor na sua, ambas experiências, no fundo, sempre inacabadas, pois que pedem a cooperação do leitor para completá-las, nunca definitivamente, é verdade. Assim, podem-se apreciar os esforços do poeta, com o seu imaginário

e a sua dicção, e os do tradutor, interposta pessoa, em busca da compreensão do outro, para redizê-lo com a sua própria voz. É claro, assim como o poeta deixa de alguma forma gravadas no texto as marcas da sua busca, também o tradutor deixará as suas, no percurso do seu trabalho suado de reconquista.

Colocando de lado um certo idealismo tradicional que pretende ver na tradução, no melhor dos casos, cópia bem acabada do texto original, cada vez mais hoje temos consciência de que a leitura de um poema traduzido é também uma experiência estética singular, similar em tantos aspectos à que acontece com a leitura do mesmo poema na língua de partida. Interessante será, então, com olhos e ouvidos atentos, apreciar os movimentos de aproximação e distanciamento, de procura e renúncia, ao texto de partida, que o texto de chegada, independentemente de qual fosse a vontade do tradutor, vai revelando ao leitor. Como dissemos, Giampaolo Tonini se coloca como um tradutor *modesto*, do tipo que, por respeito ao autor e à obra que traduz, pretende a máxima identificação com um e com outra. E como ele mesmo afirma nas “Notas”: “quem tra-

duz deve estar sempre consciente de que existe uma vontade que é anterior e superior à sua, a do autor”. Seja como for, aceite-se ou não esta premissa, o mesmo Tonini, que entende do *métier*, sabe das dificuldades de lidar com duas línguas afins como são o português e o italiano, e do quanto as semelhanças, ao invés de facilitar, tantas vezes encobrem nuances de usos e de significados lingüísticos.

Há tantos poemas nessa antologia que mereceriam destaque, pelo valor em si e pelo valor da tradução. Aqui nos limitamos a apresentar a nosso gosto apenas três deles, como modo de apreciar o trabalho do tradutor na realização da sua tarefa. Para começar, tomemos um poema (que fala de ilha!) de Ângela Varela (madeirense de Camacha, nascida em 1938) e a tradução de Tonini:

Ilha jacente

O lombo escuro da terra esmagado sob o peso das nuvens.  
O lombo pardacento das baleias inanimadas em cima do mar.  
O mar congelado.  
A ilha petrificada dentro do mar.

Isola giacente

Il dorso oscuro della terra schiacciato sotto il peso delle nubi.

Il dorso grisaceo delle balene inanimate sulla superficie del mare.

Il mare congelato.

L'isola pietrificata dentro il mare

Nesse curto exemplo, é possível entrever certas dificuldades de registro e de léxico que o tradutor deve ter encontrado e para as quais as soluções, como quase sempre, não seriam únicas nem unívocas. Por exemplo, o port. 'lombo' e o it. 'dorso' são certamente equivalentes, mas não escapa ao leitor de língua portuguesa o valor forte de animalidade embutido no primeiro substantivo, além do seu grau bem mais baixo de formalidade que o texto italiano não pôde manter (temos também em português o mais culto e mais científico 'dorso' para designar as costas de um animal). O mesmo acontece com 'pardacento' (em português teríamos também o comum 'cinzento' ou 'acinzentado', mas o que foi usado pelo poeta é comum quando se refere à cor de certos animais), que foi substituído pelo adjetivo italiano 'grisaceo', certamente muito mais culto (em italiano há o mais comum 'grigiastro'). No segundo verso a expressão mais explicativa 'sulla superficie del mare', muito exata, pesa talvez de-

mais justamente pela sua exatidão e clareza se comparada à mais prosaica 'em cima do mar' (não seria possível simplesmente 'sopra il mare'?).

Isso tudo, afinal, são detalhes, que não desmerecem em nada a tradução, sempre corretíssima, de Tonini, mas que acentuam o quanto cada palavra, cada elemento que aparece num texto poético vale por si e pelo que reverbera no poema como um todo. O resultado global é que, se a tradução para o italiano desse poema torna certamente a expressão correta e digna, acaba por elevar também, ainda que de modo sutil, o estilo, e por abstratizar um pouco a imagem muito chã da terra como um grande animal esmagado pelas nuvens, que se contrapõe por sua vez à imagem das baleias, animais de verdade, inertes como rochas, a pairar, num aparente contra-senso, sobre as águas.

Essa elevação de tom e de estilo seria uma característica inevitável das traduções do português para o italiano? Em parte, o próprio Giampaolo Tonini admite que sim quando lembra, na introdução, o que dizia Giuseppe Ungaretti a respeito da pouca maleabilidade do italiano, esmagado que está por uma vasta e longa tradição poética; de outra parte, é consequência

das escolhas menos ou mais conscientes do tradutor. Em que medida uma coisa e outra pesam no resultado final de uma tradução, é de verificar em cada caso específico, e não é assunto que se resolva numa penada.

Um outro poema que também fala de ilha (ou *da Ilha*) e que gostaríamos de mencionar é de David Pinto Correia (madeirense de Funchal, nascido em 1939, professor da Universidade de Lisboa):

Na tarde vem o cavaleiro...

Na tarde vem o cavaleiro de  
entre  
a dor e as colinas.

Com a voz e a espada rasga  
as cortinas da névoa amiga  
e solta suas mágoas na ilha  
adormecida.

A armadura despe no súbito  
olhar e suas mãos procuram  
a resposta a razão  
do regresso.

Na tarde vem o cavaleiro de entre  
os ciclos o desprezo  
as florestas  
para o combate nesta ilha  
antiga  
povoada de medos e de gestos.

Nella sera viene il cavaliere...

Nella sera viene il cavaliere di  
tra  
il dolore e le colline.

Con la voce e la spada squarcia  
le cortine della nebbia  
amica  
e lascia le sue pene nell' isola  
addormentata.

L'armatura si toglie nell'im-  
provviso  
sguardo e le sue mani cercano  
la risposta la ragione  
del ritorno.

Nella sera viene il cavaliere di  
tra  
cicli dal disprezzo  
dalle foreste  
per la lotta in quest'isola  
antica  
popolata di paure e di gesti.

O trabalho do tradutor é sempre repleto de dificuldades e no caso desse último poema não seria diferente. É que já sabemos que os poetas felizmente abusam da gramática, fazem dela o que bem entendem, e com isso acabam potencializando e renovando as maneiras de expressar e sentir por meio da língua ou junto com ela. Isso naturalmente se fomos capazes de dar ouvidos ao que eles têm a dizer. É bonito ouvir falar, então, de um cavaleiro “que vem de entre / a dor e as colinas”, mas esse pequeno jogo aparentemente banal com a preposição e os substantivos que lhe seguem é motivo bastante para ren-

der, imaginamos, algumas horas de suor do tradutor.

Tonini traduziu muito tranqüilamente os primeiros dois versos do poema “Na tarde vem o cavaleiro de entre / a dor e as colinas” com “Nella sera viene il cavaliere di tra / il dolore e le colline”, e o jogo, em princípio, parece se refazer perfeitamente. Na quarta estrofe, entretanto, temos: “Na tarde vem o cavaleiro de entre / os ciclos o desprezo / as florestas”, que foi traduzido da seguinte maneira: *Nella sera viene il cavaliere di tra / cicli dal disprezzo / dalle foreste*. O uso da preposição italiana ‘di’ e mais o simples acréscimo da preposição ‘da’ já nos obriga a pensar um bocado a respeito de como o tradutor interpretou os dois primeiros versos da primeira estrofe e os três da quarta, e coloca em cheque a própria compreensão que nós, leitores de língua portuguesa, podemos ter dos versos originais. No mínimo, exige de nós uma certa atenção. Vejamos.

No verso português, já está inscrito o pequeno estranhamento semântico quando o poeta quis juntar dois substantivos como ‘dor’ e ‘colinas’. Quem vem, vem logicamente de algum lugar, por exemplo, do lugar onde estão as

colinas. Mas vir do lugar da dor certamente não é da mesma natureza, já que a dor não é propriamente um lugar. Estamos diante do que em retórica se chama de tropo ou talvez uma figura de pensamento, que é o que cria justamente a beleza daqueles versos. Mas a questão se complica porque a preposição ‘de’ do primeiro verso pode ser interpretada também como tendo valor genitivo, isto é, como ‘pertencente à’, algo como: o cavaleiro que pertence a esse lugar que fica entre a dor e as colinas vem. Qual das duas interpretações é a mais adequada? Difícil ter certeza absoluta, ainda que pela força do verbo ‘vir’, que rege normalmente a preposição locativa ‘de’, somos levados a entender mais facilmente ‘de entre a dor e as colinas’ como expressão de lugar de origem. Mas a ambigüidade ou a polissemia permanece, especialmente quando trata de um texto poético.

Foi justamente com o valor genitivo, nos parece, que Tonini traduziu quando escolheu usar a preposição italiana ‘di’ (como: ‘il cavaliere del dolore e delle colline’), e isso talvez porque a opção “*da tra il dolore e le colline*” soe gramaticalmente inaceitável. É bem verdade que a acumulação de

‘di’ e ‘tra’ cria um belo estranhamento gramatical, e confunde tanto a regência comum do verbo ‘venire’ quanto a interpretação do ‘di’ como mero genitivo. Mas quando, na quarta estrofe, o tradutor insere a preposição ‘da’, regida tipicamente pelo verbo italiano ‘venire’, preposição que não aparece nos versos portugueses correspondentes, força uma compreensão de ‘diprezzo’ ‘e foreste’ como lugar de origem e acaba estreitando a compreensão que temos desses versos, que nos parece mais indeterminada e aberta. Essas pequenas diferenças nos obrigam a reler várias vezes tanto o texto de partida quanto o de chegada, e assim fica confirmada a idéia de que a tradução pode enriquecer muitíssimo a compreensão que temos da nossa própria língua e do texto original.

Para encerrar o nosso comentário a este valoroso *Poeti contemporanei dell’isola di Madera* de Giampaolo Tonini, destacaríamos um poema do já citado José António Gonçalves (madeirense de Funchal, nascido em 1954 e falecido prematuramente no ano de 2005) que, além de jornalista, poeta e escritor, foi um grande animador cultural da Ilha:

*esta é a dimensão exacta das coisas*

esta é a dimensão exacta das coisas  
o magma total dos sentidos

deste lado a doer-me a ausência  
antes fosse outubro eu diria amor

não há palavras que pintem o silêncio  
apenas o desejo de ser

o outro lado da ave rio  
margem

*questa è la dimensione esatta delle cose*

questa è la dimensione esatta  
delle cose

il magma totale dei sensi

da questo lato a dolermi la  
assenza

magari fosse ottobre io direi  
amore

solo il desiderio di essere  
uccello fiume

l’altro lato del margine

Esse poema é cheio de espaços em branco, pausas gráficas que sugerem silêncios (pois “não há palavras que pintem o silêncio”!). Essas pausas sonoras mais longas ou mais sentidas vão entrecortando a escansão dos versos e lhe dando um ritmo mais lento e um caráter reflexivo que valoriza ainda mais cada palavra e cada sintagma. Muito bonita a ambigüidade de leitura criada nos *enjambements* dos últimos três versos (apenas o desejo de

ser/ ave rio/ o outro lado da margem), em que o verso do meio bem que poderia ser lido também – e por que não, se a longa pausa gráfica o permite? – como uma saudação: “Ave, Rio!”. E assim, o desejo de ser ave, de ser rio, de ser o outro lado da margem, ganha em reverência e solenidade.

A tradução de Giampaolo Tonini é exata, palavra preciosa no que concerne a esse poema. Diz tudo que há no texto português, só não consegue saudar o rio. Culpa sua? Evidentemente que não. De novo, o it. ‘uccello’ e o port. ‘ave’ são equivalentes perfeitos, só que a palavra italiana não lembra a saudação latina. Além disso, um certo encanto que tem a seqüência sucinta de palavras de três letras e a alternância vocálica que produzem – ‘ser - ave - rio’ – se desfaz numa mais complicada ‘essere - uccello - fiume’, o que resulta também naturalmente numa diversa

contagem de sílabas. Que fazer? Talvez nada, a não ser ler ambos os textos e apreciar as sutilezas e achados lingüísticos que os bons poetas sabem explorar à máxima potência.

Gerson Carvalho  
UFPR

### Nota

1. Os poetas, na ordem em que aparecem na antologia, são (a data entre parênteses é a de nascimento): Eurico de Sousa (1933), João Carlos Abreu (1935), Irene Lucília (1938), Ângela Varela (1938), David Pinto Correia (1939), José Viale Moutinho (1945), João Dionísio (1947), José de Sainz-Trueva (1947), Carlos Nogueira Fino (1950), Fátima Pitta Dionísio (1950), Luís Viveiros (1953), José António Gonçalves (1954), Carlos Alberto de Sousa Fernandes (1954), José Laurindo Leal de Goes (1954), José Tolentino Mendonça (1965), São Moniz Gouveia (1967).